



“Homenagem a André Malraux (1901-1976)”

**Prefácio do Dr. Ernesto Silva
Presidente da A.C.F.B. - Aliança Francesa**

No instante em que mais frenética se processava a batalha da construção da cidade, chega a Brasília, no dia 25 de agosto de 1959, o Ministro da Cultura da França André MALRAUX, que se entusiasma ante o hercúleo trabalho dos candangos, que, ininterruptamente, mourejavam com tanto denodo. E se encanta com o lirismo da arquitetura dos nossos arquitetos, afirmando que “vão configurar-se aqui as primeiras grandes perspectivas da arquitetura moderna, ainda desconhecida para o nosso século.”

Ao instalarmos, nos jardins da Aliança Francesa de Brasília, entre as bandeiras da França e do Brasil, a placa comemorativa do lançamento da pedra fundamental da Casa da Cultura da França, relembrmos a divisa que André MALRAUX atribuiu aos que aqui fossem nascer:

Audácia, Energia, Confiança.

Au moment, le plus frénétique, où se livrait la bataille de la construction de cette ville, arrivait à Brasilia, le 25 août 1959, le Ministre français de la Culture, M. André MALRAUX : il s'enthousiasma à la vue du travail herculéen des manoeuvres qui travaillaient sans relâche, comme des bêtes de somme et avec tant de courage. Il s'enchanta du lyrisme architectural de nos architectes, affirmant que “allaient prendre formes ici les grandes perspectives de l'architecture moderne, encore inconnue en notre siècle.”

A présent que nous avons installé, dans les jardins de l'Alliance Française de Brasilia, entre les drapeaux français et brésilien, la plaque qui commémore la pose, naguère, de la première pierre d'une “Maison de la Culture de France”, sourd à notre mémoire la devise qu'André MALRAUX attribuait à ceux qui donnèrent à notre ville le jour :

Audace, Energie et Confiance.

Prefácio do Excelentíssimo Sr. Embaixador da França

Quando recebido em Brasília pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, no dia 25 de agosto de 1959, André Malraux descobre com curiosidade uma cidade inacabada, no porvir, no entanto rica em promessas. Ele não se engana e não esconde nos seus discursos, o entusiasmo por esta cidade dos tempos modernos que ele se apressa em batizar de “capital da esperança” e sobre a qual ele salienta: “a primeira das capitais da nova civilização”. Já então ele afirma sentir o sopro poderoso de sua alma e, eliminando sem a menor hesitação todos os ceticismos, ele antecipa um futuro excepcional para Brasília.

Que imensa satisfação, que extraordinária exaltação intelectual ele deve ter sentido no momento de lançar, junto ao chefe do Estado Brasileiro, a pedra fundamental da Casa de Cultura Francesa em terras sul-americanas, nesta capital “intrépida, que lembra ao mundo que os monumentos estão a serviço da alma”. Que encontro tão maravilhosamente simbólico, de duas ambições culturais, a do Ministro Francês, arqueólogo, militante, escritor, apaixonado pela grandeza humana, em busca de participação no futuro do mundo e a dos criadores talentosos da “cidade mais audaciosa que o Ocidente já concebeu”. Sem dúvida, André Malraux pensou naquele momento que ele tinha perante seus olhos, um modelo de cidade ideal, Atlântida ou Acrópole contemporâneas, anunciatroras da “nova civilização que floresce”.

Hoje, a realidade ainda não concretizou o sonho e ninguém arriscaria anunciar a iminência do triunfo das forças do espírito. Mas Brasília, capital incontestável deste grande país, obra-prima do urbanismo, brilhantismo arquitetural, patrimônio da humanidade, continua surpreendendo o mundo. E os discursos de Malraux no Brasil permanecem como textos de referência.

Homenageando mais uma vez André Malraux e sua viagem, só podemos admirar sua exata intuição. Desde aquela época, ele tinha pressentido a parte de eternidade que continha este projeto grandioso. Ele compreendera que Brasília seria doravante, uma das expressões mais fortes da fé brasileira. Ele compreendera também em visionário, que o Brasil era mesmo o herdeiro “de uma grande e vasta herança” da qual a França tinha sua parte.

Acredito que a mensagem de Malraux foi ouvida. A “fascinação recíproca” que sempre existiu entre nossos países é hoje mais forte que nunca e bem consolidada nas realidades políticas, econômicas e culturais. O diálogo das civilizações, ou melhor, o diálogo dentro de uma mesma civilização está se institucionalizando. A voz de Malraux não se calou e o seu centenário de nascimento nos cria a possibilidade de meditar sobre seu apelo e avaliar o caminho percorrido nas nossas relações com o Brasil, como o desenvolvimento de uma capital que recentemente festejou com orgulho seu quadragésimo aniversário.

Préface de San Excellence, M-L'ambassadeur de Francaise

Lorsqu'il est accueilli à Brasilia par le Président Juscelino Kubitschek de Oliveira le 25 août 1959, André Malraux découvre avec curiosité une ville inachevée, en devenir, mais riche de promesses. Il ne s'y trompe pas et ne cache pas dans ses discours son enthousiasme pour cette cité des temps modernes qu'il s'empresse de baptiser "capitale de l'espoir" et dont il souligne qu'elle est "la première des capitales de la nouvelle civilisation". Déjà, il affirme sentir le souffle puissant de son âme et balayant sans la moindre hésitation tous les scepticismes, il lui prédit un avenir exceptionnel.

Quelle immense satisfaction, quelle extraordinaire exaltation intellectuelle n'a t il pas du éprouver au moment de lancer, en compagnie du chef de l'Etat brésilien, la construction d'une "maison de la culture française" en terre sud américaine, dans cette capitale "intrépide, qui rappelle au monde que les monuments sont au service de l'esprit". Quelle rencontre merveilleusement symbolique de deux ambitions culturelles, celle du ministre français, archéologue, militant, romancier, épris de grandeur humaine, en quête de participation au devenir du monde et celle des créateurs talentueux de "la ville la plus audacieuse qu'ait conçue l'Occident". André Malraux a pensé à ce moment là sans doute qu'il avait bien devant les yeux une sorte de cité idéale, atlantide ou acropole contemporaines annonciatrices de la "nouvelle civilisation qui s'élabore".

Aujourd'hui, la réalité n'a pas encore rattrapé le rêve et personne ne saurait se hasarder à annoncer l'imminence du triomphe des forces de l'esprit. Mais Brasilia, capitale incontestée de ce grand pays, chef d'oeuvre d'urbanisme, exploit architectural, patrimoine de l'humanité, continue d'étonner le monde. Et les discours de Malraux au Brésil restent des textes de référence.

En rendant hommage une nouvelle fois à André Malraux et à son voyage, on ne peut qu'admirer la justesse de son intuition. Il avait dès cette époque pressenti la part d'éternité que contenait ce projet grandiose. Il avait compris que Brasilia constituait désormais l'une des expressions les plus fortes de la foi brésilienne. Il avait aussi compris en visionnaire que le Brésil était bien l'héritier "d'un très grand et très vaste héritage" où la France avait sa part.

Je crois que le message de Malraux a été entendu. La "fascination réciproque" qui a toujours existé entre nos deux pays est aujourd'hui plus forte que jamais et bien ancrée dans les réalités politiques, économiques ou culturelles. Le dialogue des civilisations ou plutôt le dialogue à l'intérieur d'une même civilisation est en train de s'institutionnaliser. La voix de Malraux ne s'est pas éteinte et le centenaire de sa naissance nous donne une bonne occasion de méditer sur son appel et d'évaluer le chemin parcouru dans nos relations avec le Brésil comme dans le développement d'une capitale qui a fêté avec fierté il y a peu son quarantième anniversaire./.

Se existem lugares, na Terra, que poderíamos chamá-los de privilegiados, Brasília, o Distrito Federal do Brasil, faz parte deste número.

Dois grandes visionários – Dom Bosco e o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira -, três realizadores pelo menos – novamente o Presidente J. Kubitschek, e ainda Lúcio Costa e Oscar Niemeyer -, milhares de seres a serviço de seu país, da sua grandeza, do seu futuro ... cuidaram, trabalharam, edificaram Brasília. Que obra, além desta capital, pode ser mais consensual, mais unificadora de esforços e de aspirações ?

O resultado é este, sob nossos olhos ; os administradores das Nações não se enganaram : a obra-prima, finalização do esforço humano, prova da criatividade e do gênio humanos, pertence de justiça, de direito e de coração ao patrimônio da Humanidade. Enfim, esta cidade é a afirmação, concreta, da alma e do coração, não apenas da Nação brasileira, mas principalmente de toda a Humanidade, uma vez que “as idéias não foram feitas para serem pensadas, mas vividas.”

Robert BRETAUD,
diretor da Aliança Francesa de Brasília

S'il y a des lieux, sur notre Terre, qu'on pourrait dire privilégiés, Brasilia, le District Fédéral du Brésil sont assurément du nombre.

Deux prestigieux visionnaires – Dom Bosco et le Président Juscelino Kubitschek de Oliveira -, trois réalisateurs, pour le moins, - le Président Kubitschek encore, mais aussi Lucio Costa et Oscar Niemeyer -, des milliers d'êtres au service de leur pays, de la grandeur de ce dernier, de son avenir... ont veillé, ont oeuvré, ont servi à l'édition de Brasilia. Quelle oeuvre, autre que cette capitale, peut se dire plus consensuelle, plus unificatrice d'efforts et d'aspirations ?

Le résultat est là, sous nos yeux ; les administrateurs de Nations ne s'y sont point trompés : ce chef-d'oeuvre, aboutissement de l'effort humain, preuve de la créativité et du génie humains, appartient à juste titre, de plein droit et de plein coeur au patrimoine de l'Humanité. Cette ville enfin est vraiment l'affirmation, concrète, de l'esprit et du coeur non seulement de la Nation brésilienne, mais encore de l'Humanité tout entière, tant il est vrai que “les idées ne sont pas faites pour être pensées, mais vécues.”

Robert BRETAUD,
directeur de l'Alliance Française de Brasilia.



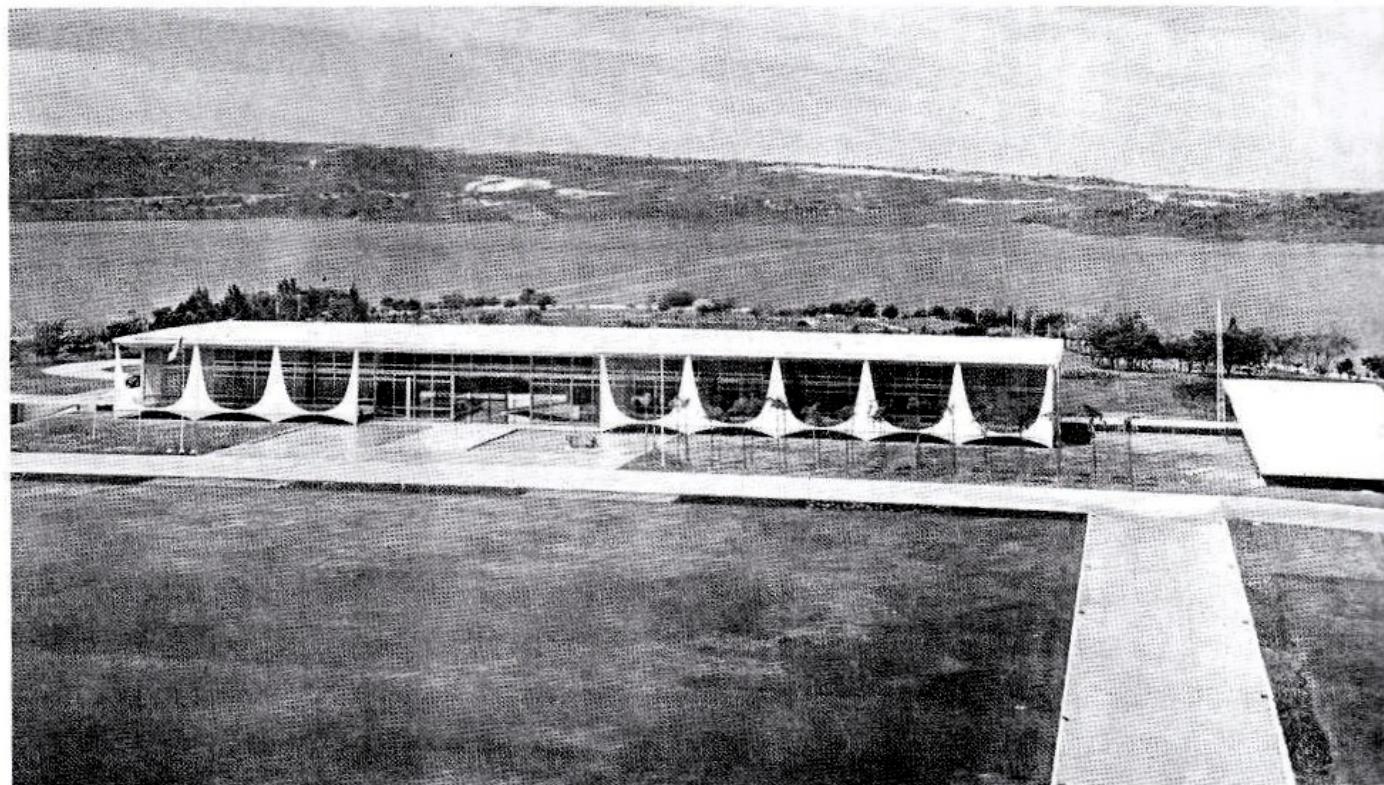
*Estrada
Belém - Brasília*



Homens trabalhando



Praça dos Três Poderes - 1958



Palácio da Alvorada - 1958

**Oração do Presidente
JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA**

**No lançamento da pedra fundamental da “Maison de France”,
em Brasília (25 de agosto de 1959),
o Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira,
pronunciou o seguinte discurso:**

“ Aqui vim para presidir à cerimônia da pedra fundamental da Casa da Cultura, que a França – representada pelo meu ilustre amigo, o Embaixador Bernard Hardion – oferece à cidade de Brasília, em poucos meses nova capital do país. Tornando ainda mais forte o cunho de amizade franco-brasileira desta festa, acha-se presente o Ministro de Estado André Malraux, enviado do Presidente da República Francesa, cujo nome legendário – Gal. Charles De Gaulle – pronuncio com emoção, nesta véspera de metrópole, que já se ergue sobre o Brasil de amanhã, em testemunho do dinamismo de nossa civilização.

Em obediência a certas regras, talvez não me coubesse aludir ao Ministro André Malraux senão em sua qualidade de membro do Governo francês. Seria, contudo, recusar, a este significativo ato de hoje, a alta importância que lhe atribuo, não salientar o valor da presença de um homem cuja obra é um dos depoimentos mais dramáticos sobre o mundo moderno, espelhando suas violências e sua procura de grandeza, lançando uma mensagem que ainda será ouvida quando o silêncio tiver baixado sobre tantos acontecimentos e personalidades do nosso tempo.

Sei bem que “a cultura não se herda, mas se conquista”, como ensinou o próprio autor da Condição Humana, que hoje temos a alegria de acolher. Recorde-se que a palavra “cultura” encontra sua etimologia nos trabalhos campestres. É indispensável a gestação no seio de cada terra e o processamento, em todas as suas consequências, do trabalho obscuro e fundamental da cultura, para que os frutos, os homens e as pátrias resultem autênticos, verdadeiros e vivos. Mas não há cultura sem que haja semente. A semente é definidora, determina a espécie. Das circunstâncias e disposições naturais, das condições da terra e do tempo é que dependerá a qualidade do fruto. Estamos agora a depositar uma semente, esta Casa da Cultura, este dom da França ao novo Brasil.

A França tem como alto destino produzir o grão mais rico em possibilidades latentes para o processo de conquista da cultura. O Brasil é um país novo e guarda fidelidade às sementes jogadas para germinarem em nossa terra. A afirmação de que “a cultura se conquista” significa que, na hora da colheita, deve verificar-se o aparecimento de algo de preciso e individual, que se incorpora à nossa personalidade e não é repetição, nem imitação de outrem. A incultura é que gera imitação, contrafação, falta de autenticidade. Se um voto me é dado pronunciar, neste local antes deserto, hoje

Discours du Président de la République Fédérale du Brésil, Monsieur Juscelino Kubitschek de Oliveira, pour la pose la première pierre de la Maison de France à Brasília, le 25 août 1959.

«Je suis ici aujourd’hui pour présider la cérémonie de pose de la première pierre de cette Maison de la Culture, que la France – représentée par mon illustre ami, l’Ambassadeur Bernard Hardion – offre à la ville de Brasília, bientôt nouvelle capitale du pays. La présence du Ministre des Affaires Culturelles de l’Etat Français, l’écrivain André Malraux, ambassadeur du Président de la République Française, dont je prononce non sans émotion le nom légendaire – Général Charles de Gaulle –, souligne encore plus fortement d’amitié franco-brésilienne cette fête, réalisée en hommage à cette nouvelle métropole qui dresse ses regards vers le Brésil de demain, comme témoignage du dynamisme de notre civilisation.

Si je suivais les règles de l’étiquette, peut-être ne devrais-je faire allusion au Ministre André Malraux qu’eu égard à sa condition de membre du gouvernement français. Ce serait, cependant, refuser à cet acte si significatif, la grande importance que je lui attribue, si je ne distinguais pas la valeur de la présence d’un homme dont l’œuvre est l’un des témoignages les plus dramatiques du monde moderne, reflétant ses violences et sa recherche de grandeur, criant un message que l’on continuera d’entendre lorsque le silence se fera sur tous les événements et toutes les personnes célèbres de notre époque.

Je sais bien que «la culture n’est pas héritée, elle doit être conquise», comme nous l’a appris l’auteur de la «Condition Humaine» dont la présence parmi nous aujourd’hui nous emplit de joie. Rappelons-nous que le mot culture a son origine dans les travaux champêtres. La germination au sein de chaque sol est indispensable ainsi que le processus, dans toutes ses conséquences, du travail obscur et essentiel de la culture, pour que les fruits, les hommes et les patries puissent être authentiques, vrais et vivants. Néanmoins, il n’y a pas de culture sans qu’il y ait semence. La semence définit, détermine l’espèce. La qualité du fruit dépendra des circonstances et des dispositions naturelles, des conditions du sol et du climat. Aujourd’hui, nous plantons une semence, celle de la Maison de la Culture, ce don de la France au Brésil nouveau.

La France vise la production de la semence le plus riche en possibilités latentes pour cette conquête en devenir de la culture. Le Brésil est un pays nouveau et garde fidélité aux graines semées pour qu’elles germent sur notre sol. L’affirmation «la culture doit être conquise» signifie que, lors de la récolte, nous devons vérifier le surgissement de quelque chose de spécifique et original, qui s’incorpore à notre personnalité et qui n’est ni répétition ni imitation d’autrui. L’inculture engendre l’imitation, la contrefaçon engendre le manque d’authenticité. Si m’est donnée l’opportunité de prononcer ici, dans cette ville,

coração do Brasil futuro; se me é lícito uma expressão solene do que mais desejo para meu país, ouví-me então: que o Brasil se conserve sempre autêntico, enraizado cada vez mais em suas características mais firmes, elaborando a sua cultura, colhendo os resultados desse processo natural em que a terra se apropria da semente e dela faz nascer o fruto, e o torna original e inconfundível.

O gesto delicado da França, que define e traduz a constante preocupação desse país pelos problemas do espírito, dá ensejo a algumas considerações que me parecem adequadas à relevância deste ato e esta manifestação de uma política de cordialidade e entendimento. Nações latinas das mais populosas, nossas afinidades, profundas, provêm de uma raiz comum, de uma só concepção de vida, que nenhuma distração do mundo moderno é bastante para apagar ou destruir. Liga-nos uma identidade de objetivos, assentada numa causa que é da França e que é nossa também: a da defesa da dignidade do homem. Defender o homem, favorecer o reerguimento da condição humana – e o Ministro Malraux bem sabe o que isso representa – eis o que inspira nossa política e constitui nossa aspiração. Não sujeitar o homem a qualquer espécie de constrangimento contrário à lei ou à consciência; não permitir que seja transformado em instrumento, nem mesmo em virtude de convicções ideológicas ou pela tirania de suas próprias criações técnicas; em suma, impor o homem como medida das coisas – eis as constantes da cultura e da orientação espiritual de que a França se conservou paladina e fautriz no mundo contemporâneo.

De nossa parte e da maneira por que nos foi dado fazê-lo, seguimos sempre essa linha de sentimento e de ação, que podemos definir como a do primado humano. Todas as nossas lutas tenderam a estabelecer em nosso país as condições para que a sociedade aqui formada se constituísse de seres livres e não de autômatos. Evitamos os fanatismos, contivemos os fascinadores da opinião pública, encontramos, ao longo de nossa História, meios de solver os mais graves problemas sem nos afastarmos das diretrizes de uma cultura humana. Assim foi, mesmo antes de nosso amadurecimento intelectual. Espontaneamente, por vocação, por disposição de alma, inclinamo-nos para a cultura, sem que a pudéssemos ainda formular, ou dar-lhe características e precisões nítidas. Como Nação culta, fundamos o Império brasileiro; como Nação culta, renunciamos ao trabalho servil, operando pacificamente essa profunda transformação da estrutura econômico-social, através de um movimento libertador nascido e triunfante entre os próprios dominadores; como Nação culta, transformamo-nos em uma democracia racial, numa comunidade em que os homens de todas as origens vivem fraternalmente, sem discriminação; e tudo isso, fizemo-lo em obediência a inclinação natural, à própria índole do povo brasileiro.

A luta pelo desenvolvimento, idéia informadora da atual política interna e ex-

jadis désert, aujourd’hui cœur du Brésil de demain; s’il m’est permis une expression solennelle de ce que je désire au plus haut point pour mon pays, je vous dirai: je veux que le Brésil demeure authentique, enraciné dans ses caractéristiques les plus profondes, qu’il élabore sa culture, qu’il récolte les fruits de ce processus naturel, quand le sol s’appropriera la semence, en fait naître le fruit et le rend incomparable.

Le geste délicat de la France, qui montre et traduit le souci constant de ce pays pour les problèmes de l’esprit, nous donne l’opportunité de considérations qui me semblent convenir à l’importance de cet acte, à cette manifestation d’une politique de cordialité et d’entente. Nations latines des plus peuplées, nos affinités, profondes, viennent d’une racine commune, d’une même conception de vie, qu’aucune distraction du monde moderne ne saurait effacer ou détruire. Nos pays sont unis par une identité d’objectifs, assurée par une cause qui appartient à la France et à nous-mêmes: la défense de la dignité de l’homme. Défendre l’homme, favoriser le redressement de la condition humaine – et le Ministre André Malraux sait très bien ce que cela signifie – c’est ce qui inspire notre politique et c’est ce qui constitue notre aspiration. Ne pas soumettre l’homme à n’importe quelle sorte de violence contraire à la loi ou à la conscience; ne pas permettre que l’homme soit transformé en un instrument, même dans les situations de convictions idéologiques ou par la tyrannie de ses propres créations techniques; en somme, imposer l’homme comme mesure des choses – voilà les constantes de la culture et de l’orientation spirituelle que la France a protégées et suscitées dans le monde contemporain.

Pour notre part, nous avons observé cette ligne de pensée et d’action, que nous pouvons définir comme étant celle de la primordialité humaine. Toutes nos luttes ont tenté d’établir dans notre pays les conditions pour que notre société soit formée par des êtres vivants et non par des automates. Nous avons évité les fanatismes, nous avons écarté les démagogues, nous avons trouvé, au long de l’Histoire, les moyens nécessaires de résoudre les plus graves problèmes sans nous éloigner des grandes lignes directrices d’une culture humaine. Ce fut ainsi, même avant que nous ayons acquis notre maturité intellectuelle. Nous nous sommes orientés vers la culture, spontanément, par vocation, par disposition de l’esprit, sans être encore capables de formuler, ou de lui donner des caractéristiques, des lignes claires. Telle une Nation cultivée, nous avons clos la période coloniale; telle une Nation cultivée, nous avons créé l’Empire brésilien; telle une Nation cultivée, nous avons renoncé à l’esclavage, exécutant de manière pacifique cette profonde transformation économico-sociale, par le moyen d’un mouvement libérateur et vainqueur né chez les dominateurs eux-mêmes; telle une Nation cultivée, nous nous sommes transformés en une démocratie de races, en une communauté où les hommes de toutes les origines vivent fraternellement, sans discrimination; et tout cela, nous l’avons fait en obéissance à un penchant naturel, au caractère du peuple brésilien.

La lutte pour le développement, projet directeur de l’actuelle politique intérieure et extérieure du Brésil, est une lutte pour la défense de la culture ; elle a pour but la sauve-

terna do Brasil, é uma luta em defesa da cultura, tem por objetivo a salvaguardar dos nossos mais altos valores humanos. Não nos atiramos a esta extraordinária jornada de crescimento econômico, se não guiados pelas mesmas inspirações que fizeram de nós um país livre, onde todos são iguais, não só perante a lei, mas em nome do respeito que a todo homem deve merecer o seu semelhante. Graças à cultura que conquistamos por experiência própria, sabemos que nos incumbe modelar em termos de grandeza este país, numerosos em seus aspectos e geograficamente um dos maiores do mundo. Para atingirmos o grau de cultura a que aspiramos, temos de tornar fecundas todas as regiões do nosso imenso território, cuja sorte é desigual neste momento. Não temos outra alternativa. Há somente um destino para nós e este nos obriga – com os nossos oito milhões e meio de quilômetros quadrados e imensas riquezas naturais – a seguir uma vocação de grande país.

As nações elaboram a sua cultura possuindo-se a si mesmas, tirando todo o rendimento do que são e do que podem vir a ser. Não é outro o processo, não é outra a ação da cultura no espírito, que integra o ser no seu próprio conhecimento, conferindo-lhe o domínio de todas as possibilidades recebidas em dom natural. O fim da cultura, repito, é o fruto; e o fruto é a posse, a plenitude, o desenvolvimento harmonioso. A cultura desvenda, revela, configura, empresta consciência a tudo o que existe e necessita expandir-se. A obra de Brasília – para a qual a França traz a contribuição de sua cultura, é uma manifestação da civilização brasileira. Civilização e cultura exprimem coisas diferentes. A abertura de uma estrada, a retificação de um rio, a construção de uma grande cidade, a industrialização de um país, a melhoria da qualidade do trabalho agrícola, são obras de civilização e não de cultura. Mas é certo que, onde não há cultura, não pode haver civilização. As realizações civilizadoras, quando ordenadas para um fim preciso, emanam da cultura, dela decorrem. O Brasil é um país que acelera a sua História e se vê obrigado a recuperar a distância que o separa dos povos de maior desenvolvimento industrial. É um país que carece de interpretação, que deve ser situado, não apenas como deseja ser, mas como forçosamente deve ser. Um crescimento demográfico dinâmico e a multiplicação, por assim dizer, quotidiana, dos problemas, tornam tarefa, extremamente difícil, quase heróica, dirigir esta Nação. Necessitamos de que os países, de princípios coincidentes com os nossos na concepção de vida, nas tendências culturais, no sentido civilizador e humano, colaborem conosco, participem do nosso esforço, caminhem ao nosso lado, dando-nos a contribuição inestimável de sua experiência, e fornecendo-nos os elementos inconquistáveis pelo esforço autônomo.

Neste momento, penso precisamente no que significa, na luta pelo desenvolvimento, a reintegração em sua plenitude dos países do ocidente europeu. Consi-

garde de nos plus hautes valeurs humaines. Nous ne nous serions pas lancés dans cette extraordinaire aventure de développement économique si nous n'avions pas été guidés par les mêmes aspirations qui ont fait du Brésil un pays libre, où tous les citoyens sont égaux, non seulement face à la loi, mais aussi au nom du respect que pour tout homme doit avoir son semblable. Grâce à la culture que nous avons conquise par notre propre expérience, nous savons qu'il nous incombe de modeler ce pays en termes de grandeur, nombreux en ses aspects et géographiquement l'un des plus grands du monde. Pour que nous atteignions le seuil de culture à laquelle nous songeons, il faut que nous rendions fécondes toutes les régions de notre immense territoire, dont le sort est inégal en ce moment. Nous n'avons pas d'autre alternative. Il n'y a qu'un seul destin pour nous et il nous oblige – avec ses huit millions et demi de kilomètres carrés et ses immenses richesses naturelles – à suivre une vocation de grand pays.

Les nations élaborent leur culture à partir d'elles-mêmes, profitant de tout ce qu'elles sont et de ce qu'elles peuvent être. Le processus n'est pas autre, l'action de la culture dans l'esprit n'est pas autre, qui intègrent l'être dans sa propre connaissance, en lui conférant la maîtrise de toutes les possibilités reçues en don naturel. Le but de la culture, je le répète, est le fruit; et le fruit est la possession, la plénitude, le développement harmonieux. La culture dévoile, révèle, prête une configuration, donne conscience à tout ce qui existe et a besoin de s'étendre. L'œuvre de Brasília – pour laquelle la France apporte la contribution de sa culture - est une œuvre de la civilisation brésilienne. Civilisation et culture manifestent des choses différentes. La création d'une nouvelle route, la rectification d'un fleuve, la construction d'une grande ville, l'industrialisation d'un pays, l'amélioration de la qualité du travail agricole, ce sont des œuvres de civilisation et non de culture. Mais il est certain qu'il n'y a pas de civilisation où il n'y a pas de culture. Les réalisations civilisatrices, quand elles sont commandées dans un but précis, émanent de la culture, sont conséquences de la culture. Le Brésil est un pays qui accélère son Histoire et se voit obligé de récupérer la distance le séparant de peuples qui ont un plus grand développement industriel. C'est un pays qui manque d'interprétation, qui doit être placé, non seulement comme il désire être, mais comme il doit être forcément. Une croissance démographique dynamique et la multiplication, quasi quotidienne, de problèmes, rendent une tâche extrêmement difficile, presque héroïque, de conduire cette Nation. Il faut que les pays, qui ont les mêmes principes que les nôtres dans la conception de la vie, dans les tendances culturelles, dans le sens civilisateur et humain, collaborent, participent de nos efforts, marchent à nos côtés, en nous donnant la contribution inestimable de leur expérience, et en nous fournissant les éléments impossibles à conquérir dans un effort solitaire.

En ce moment, je pense précisément à ce que signifie, dans la lutte pour le développement, la réintégration en toute sa plénitude des pays de l'occident européen. Je considère, plus qu'un espoir, un événement, que l'Europe ait été reconstruite et aussi qu'elle ait dynamisé son économie; qu'elle se soit récupérée des amertumes et de l'appauvrissement

dero, mais que uma esperança, um acontecimento que a Europa não apenas se tenha reconstruído, mas dinamizado as suas economias; não apenas se tenha recuperado das amarguras e do empobrecimento do último conflito mundial, mas crescido, avançado, reconquistado, multiplicado suas forças. Essa realidade é altamente confortadora para nós, os povos da América Latina. No que se refere ao Brasil, vamos despontar uma era nova, de efetiva colaboração, de volta às origens deste Novo Mundo. A Europa deixou de ser uma fonte seca – como se afigurava logo após a guerra – tendo recomeçado a fluir a sua linfa criadora, num milagre que não atribuimos exclusivamente a fatores materiais, mas consideramos sobretudo como confirmação da força de espírito, da preponderância da cultura.

Ao aludir à renovação da Europa, não posso deixar de referir-me ao rejuvenescimento da França. A Pátria antiga não envelheceu. Mesmo à distância, sente-se que um vento de mocidade sacode, renova e vivifica a grande Nação, marcada por provações cruéis, mas também por glórias, alegrias e ressurreições seguidamente repetidas através de sua História. Nunca, sobre um só país, se acumularam tantos perigos. Acompanhamos todos os passos da Nação francesa; seguimos a sua crise; vivemos a sua agonia; participamos das suas primeiras esperanças, pois a ela nos sentimos ligados por vínculos indestrutíveis, que durarão enquanto formos nós mesmos. Eis porque nos é extremamente grato reconhecer e proclamar que a nossa França não foi apenas História, grande e bela no passado, mas é sempre uma presença jovem, uma afirmação vital de nossos dias, um povo que retoma sua missão no mundo, a sua inigualável irradiação espiritual.

Há toda uma nova política por inaugurar com os países europeus. Muito temos a dar e muito a receber, no âmbito dessa política de fecundas consequências para a causa ocidental que defendemos. Para o Brasil, a importância e envergadura dessa nova fase de entendimento com a Europa estarão na dependência do contigente de compreensão, entendimento, inteligência e cultura que nela pusermos. Trata-se de um entendimento que poderá ser altamente benéfico. Cremos no ressurgimento da Europa, na penetração de seu espírito, na sua renovação técnica. Reclamamos, para nossa revolução do desenvolvimento, esse conteúdo cultural, essa alma que o ocidente insufla em todas as obras materiais da civilização. O lúcido nacionalismo brasileiro que reivindica soluções nacionais para os nossos problemas muito espera de uma ampla cooperação com os países que saíram milagrosamente renovados da maior tempestade que se abateu sobre o mundo moderno.

É com grande emoção que, numa festa da França em nossa capital do porvir, me vali da oportunidade de fazer essas considerações, síntese do firme desejo brasileiro de caminhar ombro a ombro com as Nações européias e com essa França perenemente jovem, porque se funde na antigüidade tal como os campos da Beauce, milenários e memorialmente cultivados, mas cujo trigais nos parecem sempre mais vigorosos e jovens. “

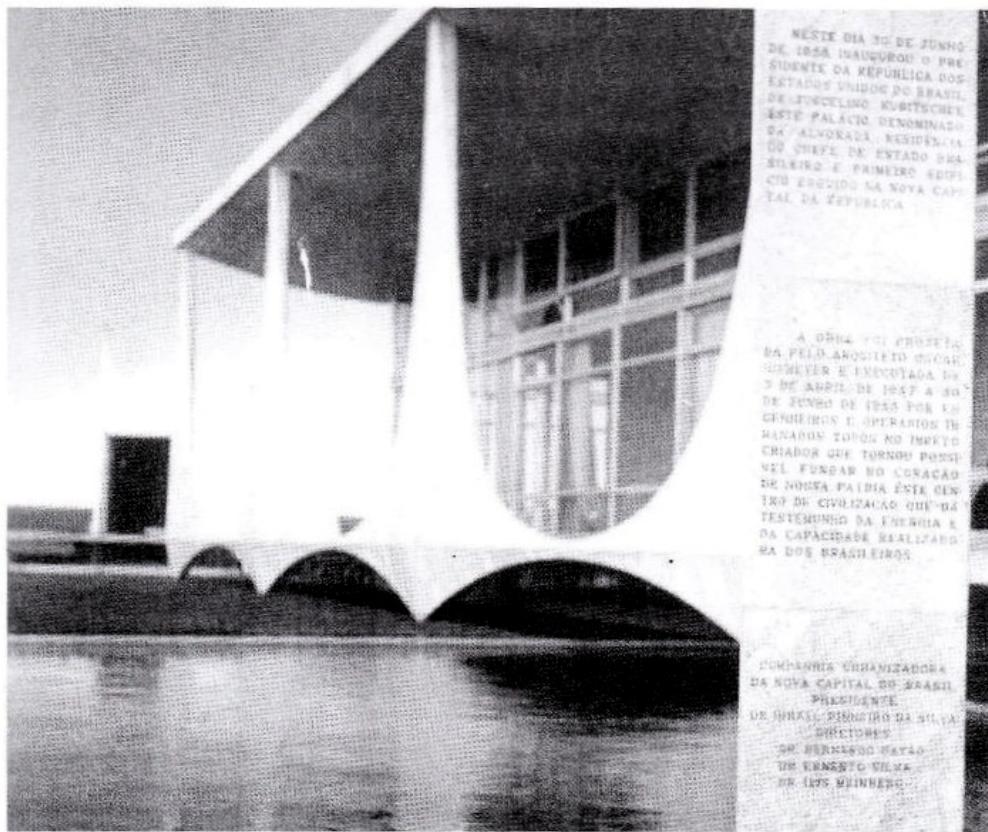
du dernier conflit mondial, mais qu'elle ait grandi, avancé, reconquis, multiplié ses forces. Cette réalité est un grand réconfort pour nous, les peuples de l'Amérique Latine. Quant au Brésil, nous marchons vers une nouvelle ère, d'effective collaboration, de retour aux origines de ce Nouveau Monde. L'Europe n'est plus une source sans eau – comme elle se le figurait juste après la guerre – ayant recommencé à laisser couler sa lymphe créatrice, par un miracle que nous n'attribuons pas uniquement aux facteurs matériels, mais que nous considérons surtout comme une confirmation de la force de l'esprit, de la prépondérance de la culture.

Faisant allusion à la rénovation de l'Europe, je dois mentionner le rajeunissement de la France. L'ancienne Patrie n'a pas vieilli. Même loin, nous pouvons sentir qu'un souffle de jeunesse ébranle, renouvelle et vivifie la grande Nation, marquée par de cruels malheurs, mais aussi marquée par des gloires, joies et résurrections souvent répétées au cours de son Histoire. Jamais, en un seul pays, ne se sont accumulés autant de dangers. Nous avons suivi tous les pas de la Nation française; nous avons accompagné sa crise; nous avons vécu son agonie; nous avons participé à ses premiers espoirs parce que nous nous sentons unis à elle par des liens indestructibles qui dureront tant que nous serons nous-mêmes. Voilà pourquoi il nous est si gratifiant de reconnaître et proclamer que notre France n'a pas été seulement une Histoire, grande et belle dans le passé, mais qu'elle est toujours une présence jeune, de nos jours une affirmation de vie, un peuple qui reprend sa mission dans le monde, son incomparable irradiation spirituelle.

Il y a toute une nouvelle politique à inaugurer avec les pays européens. Nous avons beaucoup à donner et nous avons beaucoup à recevoir, dans l'espace délimité de cette politique de conséquences fécondes pour la cause occidentale que nous défendons. Pour le Brésil, l'importance et l'envergure de cette nouvelle phase d'entendement avec l'Europe seront dans la subordination à la quote-part de compréhension, d'entendement, d'intelligence et de culture que nous confions à cette phase. Il s'agit d'un entendement qui pourra être tout à fait bienfaisant. Nous croyons à la résurrection de l'Europe, à la pénétration de son esprit, à son renouvellement technique. Nous réclamons, pour notre révolution dans le développement, ce contenu culturel, cette âme que l'occident insuffle dans toutes les œuvres matérielles de la civilisation. Le lucide nationalisme brésilien qui revendique des solutions nationales à nos problèmes, attend beaucoup d'une ample coopération avec les pays qui par miracle sont sortis renouvelés de la plus grande tempête qui s'est abattue sur le monde moderne.

C'est avec une grande émotion que, dans cette fête de la France réalisée dans notre capitale de l'avenir, je me suis servi de cette occasion pour faire ces considérations, synthèse du fort désir brésilien de marcher côte à côte avec les Nations européennes, avec cette France éternellement jeune, qui se fond dans l'Antiquité tout comme les champs de la Beauce, millénaires et remarquablement cultivés, dont les blés nous apparaissent toujours plus vigoureux et plus jeunes.»

*A. Malraux
com o
Presidente da
NOVACAP*



Palácio da Alvorada



Oração do Ministro Francês da Cultura André Malraux

**TRADUÇÃO DO MEMORÁVEL DISCURSO
que proferiu em Brasília - 25 de agosto de 1959
o Sr André MALRAUX,
Ministro da Cultura da República Francesa**

**BRASÍLIA
Capital da Esperança**

Senhor Presidente da República,

Seja-me permitido agradecer inicialmente as palavras que acabais de consagrar a meu país, ao General de Gaulle e a mim mesmo. Se o vínculo que une o Brasil à França carecesse de provas, não haveria mais evidentes que a acolhida tão calorosa que me tributam desde ontem e a presença do presidente da República nesta cerimônia.

Também a França considera que as relações entre o Brasil e a Europa, impostas pela própria natureza da civilização que vai nascendo aos nossos olhos, ultrapassarão o antigo conceito de intercâmbio, em suas diferentes modalidades; que o estabelecimento de um plano mundial de exploração das riquezas naturais, em proveito das nações que as detêm e somente destas, deve constituir um dos objetivos primordiais dêste século; e que, à sua luta épica contra a terra, o homem deve afinal dar formas, dignas de si mesmo, é esta última exigência a que simboliza a sua presença aqui, Sr Presidente da República, como o simboliza também esta própria cidade.

No processo de seu desenvolvimento, muita vez as grandes nações encontram o seu símbolo e, indubitavelmente, Brasília é um símbolo dêsse gênero. Quase todas as grandes cidades haviam-se desenvolvido por si mesmas, em volta de um lugar privilegiado. Que hoje a História contemple conosco o despontar das primeiras edificações de uma cidade feita surgir unicamente pela vontade humana. Se renascer a velha paixão das inscrições nos monumentos, gravar-se-á sobre os que aqui vão nascer: "Audácia, energia, confiança". Não se trata de vossa divisa oficial, mas talvez da que vos dará a posteridade.

Sabeis — como o sabem todos os artistas, mas como os governos não o sabem tão bem — que as formas de arte destinadas a perpetuar-se na memória dos homens são formas inventadas. Nesta cidade que tem sua origem na vontade de um homem e na esperança de uma Nação, como as antigas metrópoles surgiram da vontade imperial de Roma ou dos herdeiros de Alexandre, o Palácio da Alvorada que edificastes, a catedral que haveis projetado nos trazem algumas das formas mais arrojadas da arquitetura, e, ante os esboços da futura Brasília, percebemos que a cidade inteira será a mais ousada que jamais o Ocidente haja concebido. Em nome de tantos monumentos ilustres que povoam nossa memória, graças vos sejam dadas por haverdes depositado confiança em

TEXTE DU MEMORABLE DISCOURS
prononcé à Brasilia, le 25 août 1959,
par M. André MALRAUX,
Ministre pour les Affaires Culturelles de la France

BRASILIA
Capitale de l'Espoir

Permettez-moi de vous remercier tout d'abord des paroles que vous venez de consacrer à mon pays, au Général de Gaulle et à moi-même. Si le lien qui unit le Brésil à la France avait besoin de preuves, il ne pourrait en recevoir de plus éclatantes que l'accueil si chaleureux que je rencontre depuis hier et la présence du Président de la République à cette cérémonie.

La France pense, elle aussi, que les relations entre le Brésil et l'Europe, imposées par la nature même de la civilisation qui est en train de naître sous nos yeux, vont dépasser de loin ce que, dans divers domaines, on appelait naguère des échanges. Que l'établissement d'un plan mondial d'exploitation des richesses naturelles au bénéfice des nations qui les possèdent, et d'elles seules, doit devenir l'un des desseins majeurs du siècle. Et qu'à la lutte épique contre la terre l'homme doit donner enfin des formes dignes de lui. C'est cette dernière exigence que symbolise notre présence ici, Monsieur le Président de la République, comme la symbolise cette ville elle-même.

Au cours de leur développement, les grandes nations ont souvent trouvé leur symbole, et sans doute Brasilia est-elle un symbole de cette sorte. Presque toutes les grandes villes s'étaient développées d'elles-mêmes, autour d'un lieu privilégié. Que l'histoire, aujourd'hui, regarde avec nous les premiers surgissements d'une ville appelée par la seule volonté humaine ! Si renaît la vieille passion des devises sur les monuments, on écrira sur ceux qui vont naître ici : "Audace, énergie, confiance". Ce n'est pas votre devise officielle, mais c'est peut-être celle que vous donnera la postérité.

Vous savez, comme le savent tous les artistes mais comme le savent moins bien les gouvernements, que les formes de l'art appelées à demeurer dans la mémoire des hommes sont des formes inventées. Dans cette ville surgie de la volonté d'un homme et de l'espoir d'une nation, comme les métropoles antiques surgirent de la volonté impériale de Rome ou des héritiers d'Alexandre, le Palais de l'Alvorada que vous avez édifié, la cathédrale que vous projetez, apportent quelques-unes des formes les plus hardies de l'architecture, et, devant l'ébauche de la Brasilia future, nous savons que la ville entière sera la ville la plus audacieuse qu'ait conçue l'Occident. Au nom de tant de monuments illustres qui emplissent notre mémoire, soyez remerciés d'avoir fait confiance à vos architectes pour créer la ville, et à votre peuple pour l'aimer !

Cette audace, nous savons combien certains la craignent, même parmi vos amis.

vossos arquitetos para criar a cidade e em vosso povo para que lhe tenha amor.

Tal ousadia, sabemos como alguns a temem, mesmo dentre amigos vossos. Mas se eles não se enganam quanto à resplendente originalidade desses projetos, é possível que apreendam mal o que lhes confere decisivo valor histórico. É chegada a hora de compreender que a obra que começa a erguer-se diante de nós é a primeira das capitais da nova civilização.

Até agora a arquitetura moderna era uma arquitetura de edifícios. Tinha criado casas, e mesmo quando tais casas, à proa de Nova York se aprumam num eriçamento de torres. Que ela devesse um dia superar esse épico individualismo — já que a cidade não é apenas um conglomerado de casas — não oferecia dúvidas para nenhum dos seus historiadores. Quase todos, porém, julgavam que a arquitetura em escala maior, a que cria cidades e não edifícios, iria nascer na União Soviética — eis contudo que está a surgir neste local.

Com efeito, vão configurar-se aqui as primeiras grandes perspectivas da arquitetura moderna, ainda desconhecida para o nosso século. Vale dizer que essa “arquitetura a pino” vai sofrer fundamental metamorfose, anunciada confusamente pela da Europa, da África do Norte, pela vossa. É a reconquista do arranha-céu pelo sol; trata-se, antes de mais nada, da ressurreição do lirísmo arquitetônico, nascido com o mundo helenístico e objeto dos devaneios de César em Alexandria. E, diante da decisão graças à qual o gênio brasileiro se faz a um tempo sucessor das perspectivas da Grécia, da Roma pontifícia, de Versalles e do Paris napoleônico, pensamos que esse vocábulo tão confuso, latinidade, tem pelo menos uma acepção precisa: a de fraternidade.

Vamos mais longe. “Para que Brasília se torne uma verdadeira Capital, — escreve Lúcio Costa — o seu planificador deve impregnar-se de uma dignidade, de uma nobreza de intenção donde resulte o senso da ordem, da utilidade e da proporção, único capaz de dar ao projeto inteiro a monumentalidade desejada.”

Mas que cidade moderna se preocupara, até agora, com tal nobreza de intenção? O que entra em jogo é imenso: trata-se, ao pôr a arquitetura ao serviço da Nação de restituir-lhe a parte da alma, que perdera. Era isso aspiração sua? Quem sabe. O título de honra do Brasil está em não se contentar com a simples aspiração. A arquitetura tivera, como obras capitais, os templos e as catedrais; mais tarde, os palácios, quando a época das Grandes Monarquias atribuiu às moradas reais, um significado que transcendia o do luxo. O limite da arquitetura moderna é o de estar a serviço do poderio econômico ou do indivíduo. Um único e admirável conjunto arquitetônico dos Estados Unidos — o Centro Rockefeller — não se elevou à glória de uma potência do petróleo e, sim à glória da solidariedade humana, da ciência e do espírito. Concebeis a cidade como um imenso conjunto e, desde a origem, exigis que os edifícios nela assumam determinada significação. Eis porque Lúcio Costa assim concluiu: “A cidade não será apenas a

Mais s'ils ne se méprennent pas à l'éclatante originalité de ces projets, peut-être se **méprennent-ils** à ce qui fait leur valeur historique décisive. Il est temps de comprendre **que** ce qui commence à s'élèver devant nous, c'est la première des capitales de la **nouvelle civilisation**.

L'architecture moderne était, jusqu'ici, une architecture d'édifices. Elle a créé **des** maisons, même si ces maisons dressent à la proue de New-York leur hérisslement **de** tours. Qu'elle dût dépasser quelque jour cet individualisme épique — car la cité **n'est** pas seulement une agglomération de maisons —, aucun de ses historiens n'en **doutait**. Mais presque tous pensaient que la plus grande architecture, celle qui crée les **villes** et non les immeubles, naîtrait en l'Union Soviétique, — et elle est en train de **surgir** ici.

Car, ici, vont paraître les premières grandes perspectives de l'architecture moderne, que notre siècle ne connaissait pas encore. Ce qui veut dire que cette “architecture debout” va subir une métamorphose fondamentale, annoncée confusément par celle de l'Europe, de l'Afrique du Nord, par la vôtre. C'est la reconquête du gratte-ciel par le sol; c'est avant tout la résurrection du lyrisme architectural né avec le monde hellénistique, qui faisait rêver César à Alexandrie. Et devant la décision par laquelle le génie brésilien continue à la fois les perspectives de la Grèce, de la Rome pontificale, de Versailles et du Paris napoléonien, nous pensons que le mot si confus de latinité a peut-être au moins un sens précis: celui de fraternité.

Allons plus loin. “Pour que Brasilia devienne une véritable capitale, écrit Lucio Costa, son planificateur doit être imprégné d'une dignité, d'une noblesse d'intention d'où résulte le sens de l'ordre, de l'utilité et de la proportion qui seul peut donner au projet entier la qualité monumentale désirée”.

Mais quelle ville moderne, jusqu'ici, s'était souciée de cette dignité, de cette noblesse d'intention ? Ce qui rentre en jeu est immense: il s'agit, en mettant l'architecture au service de la nation, de lui rendre une part de son âme, qu'elle avait perdue. Elle y aspirait ? Peut-être. L'honneur du Brésil est de ne pas se contenter d'y aspirer. L'architecture avait eu pour œuvres capitales les temples et les cathédrales; plus les palais, lorsque l'époque des Grandes Monarchies donna aux palais des rois une signification qui n'était pas seulement celle du luxe. La limite de l'architecture moderne est d'être au service de la puissance économique ou de l'individu; le seul admirable ensemble architectural des Etats-Unis, le Centre Rockefeller, n'est pas élevé à la gloire d'une puissance du pétrole, mais à la gloire de la solidarité humaine, de la science et de l'esprit. Vous concevez la ville comme un immense ensemble, et dès l'origine vous exigez que les édifices y expriment une signification. C'est pourquoi Lucio Costa termine ainsi: “La ville ne sera pas seulement la résidence du gouvernement et de l'administration, mais encore un des centres culturels majeurs du pays”. Cette

sede do governo e da administração, mas ainda um dos maiores centros culturais do país". Esta Brasília sobre o seu gigantesco planalto é de certo modo a Acrópole sobre o seu rochedo... Salve, capital intrépida, que recordas ao mundo estarem os teus monumentos ao serviço do espírito!

O espírito que esta cidade evoca é o de nobreza que sob muitos aspectos a fez nascer, pois a nobreza a que se referem os seus fundadores mergulha profundas raízes no tempo. Mas ela evoca a própria metamorfose. Até nós outros, o cortejo dos grandes fantasmas do passado formavam uma linhagem. O Ocidente era o herdeiro da Bíblia e dos Antigos. A descoberta das civilizações sepultas, e dos meios de difusão da pintura e da música, faz de nós os primeiros herdeiros da terra inteira. Elabora-se uma nova civilização e a cultura que ela invoca é hoje o objeto em torno do qual lutam todas as forças do espírito. E o objeto capital dessa cultura é uma noção do homem sem a qual a nova civilização não poderia viver; não há civilização sem alma.

Cada uma das grandes religiões trouxe uma noção fundamental do homem, e nosso tempo esforça-se apaixonadamente por dar forma ao fantasma que o século das máquinas colocou em seu lugar. Tanto mais apaixonadamente quanto, com os campos da extermínio, com a ameaça atômica, a sombra de Satã reapareceu sobre o mundo, ao mesmo tempo que reaparecia no homem: a psicanálise redescobre os demônios, para reintegrá-los no indivíduo. Mas, num mundo sem chave, onde o Mal se torna fundamental enigma, qualquer sacrifício, qualquer obra-prima, qualquer ato de piedade ou heroísmo propõem um enigma tão fascinante quanto ao do suplício da criança inocente, obsessão de Dostoiewsky; quanto todos os pobres olhos humanos que descortinaram uma câmara de gases antes de se fecharem para sempre; a existência do amor, da arte ou do heroísmo não é menos misteriosa que a do mal. Quiçá, a aptidão do homem para concebê-los invencivelmente seja uma de suas componentes, como o é a aptidão para a inteligência; e o objetivo de nossa civilização, no âmbito do espírito, se torne assim, depois de ter descoberto as técnicas que reintegram os demônios no homem, o de buscar as técnicas que reintegrariam nele os deuses.

Mas a reconquista da grandeza esquecida assume a forma que lhe dão os que a asseguram. É que cada nação a preserva a seu modo e tende a agrupar-se, não com todas as outras, mas com algumas afins, em vastas áreas culturais. A nova civilização se manifestará de certo no Ocidente, não só sob a sua forma russa, mas sob duas grandes formas que corresponderão, a grosso modo, às áreas católicas e protestantes. De cada uma dessas formas, do novo tipo de homem por elas suscitado, posso aqui dizer, como em Atenas: pertencerão a todos os que tiverem resolvido criá-los juntamente: o espírito não conhece nações menores, conhece apenas nações fraternas — e vencedores sem vencidos.

Eis aí onde a cultura encontra seu papel insubstituível. Pelo conhecimento, mas

Brasilia sur son plateau géant, c'est un peu l'Acropole sur son rocher... Salut, capitale intrépide, qui rappelle au monde que les monuments sont au service de l'esprit !

L'esprit que cette ville appelle, elle en est née à maints égards, car la noblesse à laquelle se réfèrent ses fondateurs plonge dans le temps de profondes racines. Mais elle en appelle la métamorphose. Jusqu'à nous, le cortège des grands fantômes du passé formait une lignée. L'Occident était l'héritier de la Bible et des Anciens. La découverte des civilisations ensevelies, celle des moyens de diffusion de la peinture et de la musique, font de nous les premiers héritiers de toute la terre. Une nouvelle civilisation s'élabore, et la culture qu'elle appelle est aujourd'hui l'enjeu de toutes les forces de l'esprit. Et l'objet capital de cette culture, c'est une notion de l'homme sans laquelle la nouvelle civilisation ne pourrait vivre: il n'y a pas de civilisation sans âme.

Chacune des grandes religions avait apporté une notion fondamentale de l'homme, et notre temps s'efforce passionnément de donner forme au fantôme que leur a substitué le siècle des machines. D'autant plus passionnément qu'avec les camps d'extermination, avec la menace atomique, l'ombre de Satan a reparu sur le monde, en même temps qu'elle réapparaissait dans l'homme; la psychanalyse redécouvre les démons, pour les réintégrer en lui. Mais, dans un monde sans clef, où le Mal devient une énigme fondamentale, le moindre sacrifice, le moindre chef-d'œuvre, le moindre acte de pitié ou d'héroïsme, posent une énigme aussi fascinante que celle du supplice de l'enfant innocent qui obsédait Dostoievsky, que tous les pauvres yeux humains qui découvrirent une chambre à gaz avant de se fermer à jamais: l'existence de l'amour, de l'art ou de l'héroïsme n'est pas moins mystérieuse que celle du mal. Peut-être l'aptitude de l'homme à les concevoir et à les maintenir invinciblement est-elle une de ses composantes comme l'est l'aptitude à l'intelligence, et le but de notre civilisation, dans l'ordre de l'esprit, devient-il, après les techniques qui réintègrent les démons dans l'homme, de chercher celles qui y réintégreraient les dieux.

Mais la reconquête de la grandeur oubliée prend la forme que lui donnent ceux qui l'assurent. Car, chaque nation l'assure à sa manière — et tend à se grouper, non avec toutes les autres, mais avec quelques parentes, en de vastes aires culturelles. Sans doute la nouvelle civilisation connaîtra-t-elle en Occident, outre sa forme russe, deux grandes formes qui correspondront, en gros, aux aires catholique et protestante. De chacune de ces formes, du nouveau type d'homme qu'elle suscitera, je dis ici, comme à Athènes: ils appartiennent à tous ceux qui auront choisi de les créer ensemble; l'esprit ne connaît pas de nations mineures, il ne connaît que des nations fraternelles — et des vainqueurs sans vaincus.

La culture trouve là son rôle irremplaçable. Par la connaissance, mais aussi par d'autres voies plus secrètes. La culture, ce n'est pas seulement de connaître Shakespeare, Victor Hugo, Rembrandt ou Bach, c'est d'abord de les aimer. Il n'y a pas

também por outros caminhos mais secretos. A cultura não consiste somente em conhecer Shakespeare, Victor Hugo, Rembrandt ou Bach: consiste antes de mais nada em amá-los. Não há cultura verdadeira sem comunhão, e talvez sem domínio mais profundo e mais misterioso seja a presença, em nossa vida, do que deveria pertencer à morte. A cultura do novo mundo latino — que não é apenas o grande e velho mundo mediterrâneo, que não é somente a América Latina — será, como todas as verdadeiras culturas, uma cultura conquistada. O que ela deve conquistar para criar seu tipo de homem exemplar e para moldar seu novo passado é a presença, em seu seio, de todas as formas de arte, de amor, de grandeza e de pensamento, que no curso de milênios, sucessivamente permitiram ao homem ser menos escravo: o domínio que une, ao fundo de nossa memória, sob a imensa indiferença das nebulosas, as silhuetas invencíveis e outrora inimigas dos pescadores de Tiberíade e dos pastores da Arcádia... O império mais sangrento do mundo, o império assírio, deixa em nossa memória a majestade de sua “Leoa ferida”: se há uma arte dos campos de extermínio, ela não exprimirá os carrascos, expressará os mártires. “Ergue-te Lázaro”. Não sabemos ressucitar os corpos, mas começamos a saber ressucitar os sonhos — e o que hoje vos propõe a França, e o que é para todos nós, a cultura seja a ressurreição da nobreza do mundo.

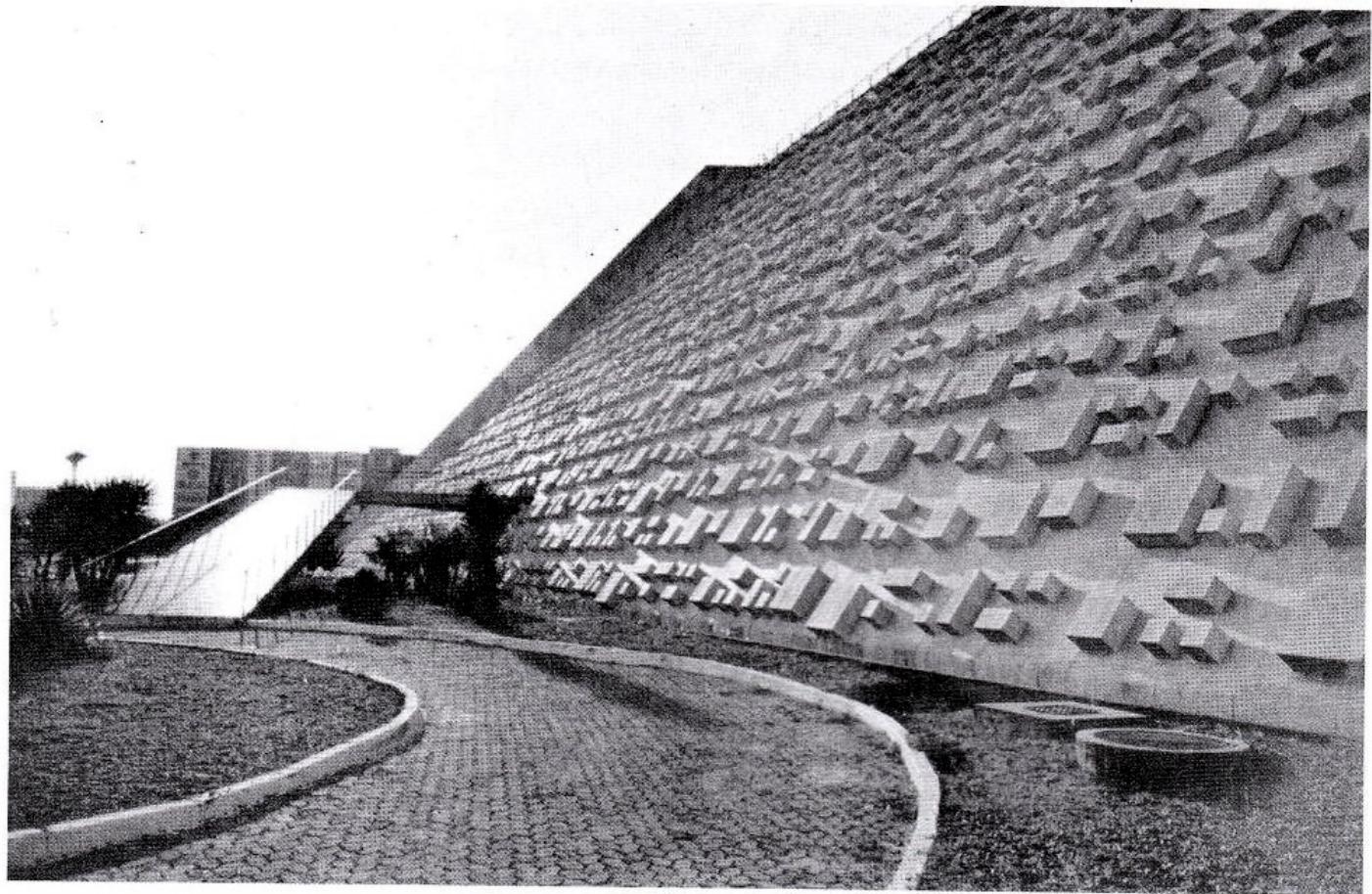
Saibamo-nos unir por um porvir fraterno, mais ainda que por um passado comum. Tivestes razão em não desesperar de nós nas horas mais sombrias, visto que hoje o General de Gaulle, que recolheu como herança todas as feridas de meu país, encontra novamente, malgrado essas feridas, a linguagem secular da França, para lembrar ao mundo que “é o homem que se trata de salvar”. É que a cultura tem duas fronteiras intransponíveis: a servidão e a fome. Que nos seja dado contribuir para eliminá-las, que nos seja possível criar uma civilização que se assemelhe à nossa esperança e que venha a ser a primeira a colocar todas as grandes obras da humanidade a serviço de todos os homens que as almejam.

Haveis pronunciado aqui, Senhor Presidente da República, palavras conhecidas de muitos dentre nós: “Deste planalto central, desta solidão que será em breve o cérebro de onde partirão as altas decisões nacionais, lanço um olhar, uma vez mais, sobre o futuro de meu país e entrevejo essa alvorada com fé inquebrantável e confiança sem limites na grandeza de seu destino”. Quando, por minha vez, contemplo este lugar que já não é uma solidão, acodem-me ao espírito as bandeiras que o General de Gaulle entregou, em 14 de julho, aos chefes dos Estados da comunidade franco-africana, e o solene cortejo de sombras dos mortos ilustres da França, que amais, porque seus nomes pertencem à generosidade do mundo. E em sua grande noite fúnebre, um murmúrio de glória acompanha o bater das forjas que saúdam vossa audácia, vossa confiança, e o destino do Brasil, enquanto se vai erguendo a capital da esperança.

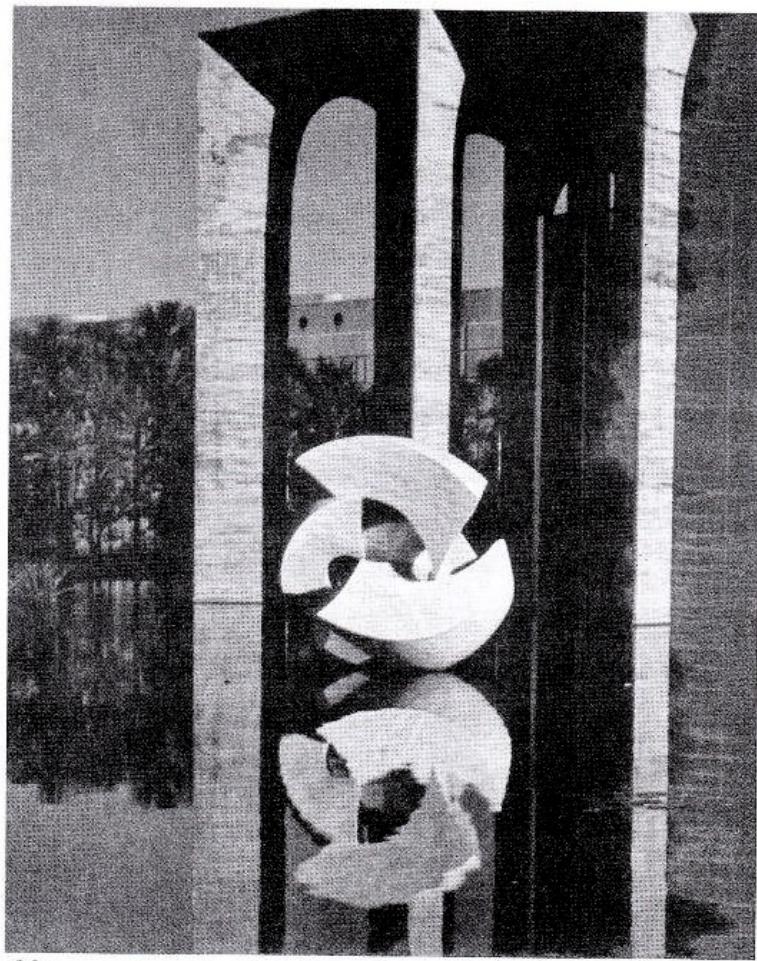
de vraie culture sans communion, et peut-être son domaine le plus profond et le plus mystérieux est-il la présence, dans notre vie, de ce qui devrait appartenir à la mort. La culture du nouveau monde latin — qui n'est pas seulement le grand et vieux monde méditerranéen, qui n'est pas seulement l'Amérique latine, — sera, comme toutes les vraies cultures, une culture conquise. Ce qu'elle doit conquérir pour créer son type d'homme exemplaire et modeler son nouveau passé, c'est la présence, en elle, de toutes les formes d'art, d'amour, de grandeur et de pensée qui, au cours des millénaires, ont successivement permis à l'homme d'être moins esclave : le domaine qui unit au fond de notre mémoire, sous l'immense indifférence des nébuleuses, les silhouettes invincibles, et jadis ennemis, des pêcheurs de Tibériade et des bergers d'Arcadie... Le plus sanglant empire du monde, l'empire assyrien, laisse dans notre mémoire la majesté de sa Lionne blessée : s'il existe un art des camps d'extermination, il n'exprimera pas les bourreaux, il exprimera les martyrs. "Lève-toi, Lazare" ! Nous ne savons pas ressusciter le corps, mais nous commençons à savoir ressusciter les rêves, et ce que vous propose aujourd'hui la France, c'est que pour nous tous la culture soit la résurrection de la noblesse du monde.

Sachons-nous unis par un avenir fraternel plus encore que par un passé commun. Vous avez eu raison, aux heures les plus sombres, de ne pas désespérer de nous, puisqu'aujourd'hui le Général de Gaulle, qui a trouvé toutes les blessures de mon pays dans son héritage, retrouve, malgré ces blessures, le langage séculaire de la France, pour rappeler au monde que "c'est l'homme qu'il s'agit de sauver". Car la culture a deux infranchissables frontières : la servitude et la faim. Puissions-nous contribuer à les effacer, puissions-nous créer une civilisation qui ressemble à notre espoir, et qui, la première, mette toutes les grandes œuvres de l'humanité au service de tous les hommes qui les appellent.

Vous avez prononcé ici, Monsieur le Président de la République, des paroles que connaissent beaucoup d'entre nous : "De ce haut plateau central, de cette solitude qui sera bientôt le cerveau d'où partiront les hautes décisions nationales, je jette un regard, une fois de plus, sur l'avenir de mon pays et j'entrevois cette aurore avec une foi inébranlable et une confiance sans limite dans la grandeur de son destin". Lorsque je contemple à mon tour ce lieu qui n'est déjà plus une solitude, j'y évoque les drapeaux que le Général de Gaulle remit, le 14 juillet, aux chefs des Etats de la Communauté franco-africaine, et le solennel cortège d'ombres de morts illustres de la France, que vous aimez parce que leurs noms appartiennent à la générosité du monde. Et, dans leur grande nuit funèbre, un murmure de gloire accompagne le battement des forges qui saluent votre audace, votre confiance, et le destin du Brésil, tandis que s'élève la capitale de l'espoir.



*Teatro Nacional
Cláudio Santoro*



Palácio do Itamaraty

ASSOCIAÇÃO DE CULTURA FRANCO - BRASILEIRA DE BRASÍLIA
SEP/SUL E.Q. 708/907 - lote A - fones: (61) 242-7500 / 244-4349
Fax: (61) 244-5618 - CEP: 70.390-079 - Brasília-DF - Brasil
E-mail: afbrasilia@ainet.com.br